



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

JOSÉ VICTOR MARTINS DOS SANTOS

**O LUGAR DAS ENTREVISTAS PRELIMINARES NA PRÁTICA LACANIANA:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE A RETIFICAÇÃO SUBJETIVA**

MACEIÓ

2023

JOSÉ VICTOR MARTINS DOS SANTOS

**O LUGAR DAS ENTREVISTAS PRELIMINARES NA PRÁTICA LACANIANA:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE A RETIFICAÇÃO SUBJETIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti

MACEIÓ

2023

## **O LUGAR DAS ENTREVISTAS PRELIMINARES NA PRÁTICA LACANIANA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A RETIFICAÇÃO SUBJETIVA**

**José Victor Martins dos Santos**

**RESUMO:** São as entrevistas preliminares, este tempo prévio que antecede a análise propriamente dita, que se produz a retificação subjetiva, possibilitando a transferência entre analisando-analista. A retificação subjetiva trata-se de um dos efeitos da intervenção do psicanalista, enquanto uma aposta para convocar o sujeito a implicar-se em sua queixa, viabilizando uma possível mudança na posição subjetiva frente ao seu sintoma. Foi realizada uma revisão narrativa com o objetivo de investigar o lugar das entrevistas preliminares na prática lacaniana, a partir da retificação subjetiva. Concluiu-se que as entrevistas preliminares trata-se de instrumentos fundamentais e éticos para a direção do tratamento, sendo necessário retificar a queixa apresentada pelo sujeito e, desta maneira, instaurar o sintoma analítico.

**Palavras-Chave:** Entrevistas Preliminares; Retificação Subjetiva; Prática Lacaniana; Psicanálise

**ABSTRACT:** It is the preliminary interviews, this previous time that precedes the analysis itself, that subjective rectification takes place, enabling the transfer between analysand-analyst. Subjective rectification is one of the effects of the psychoanalyst's intervention, as a bet to summon the subject to get involved in his complaint, enabling a possible change in the subjective position of his symptom. A narrative review was carried out with the aim of investigating the place of preliminary interviews in Lacanian practice, based on subjective rectification. It was concluded that the preliminary interviews are fundamental and ethical instruments for the direction of the treatment, being necessary to rectify the complaint presented by the subject and, in this way, to establish the analytical symptom.

**KEYWORDS:** Preliminary Interviews; Subjective Rectification; Lacanian Practice; Psychoanalysis

## INTRODUÇÃO

*“[...] Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico. Que ele conheça bem a espiral a que o arrasta sua época contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas. Quanto às trevas do mundus ao redor do qual se enrosca a imensa torre, que ele deixe à visão mística a tarefa de ver elevar-se ali, sobre um bosque eterno, a serpente putrefaciente da vida”.*

(LACAN, 1953/1998, p. 322).

O interesse pelo tema surgiu a partir da minha experiência durante o estágio supervisionado em Psicologia Clínica – com ênfase em Psicanálise Lacaniana - que aconteceu no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), diante da demanda de compreender a formalização das entrevistas preliminares nos atendimentos clínicos realizados pelos estagiários. A partir disso, emergiu o desejo de analisar o lugar das entrevistas preliminares na prática lacaniana, destacando a retificação subjetiva.

Freud (1913/2018) apresenta a relevância daquilo que denominou de tratamento de ensaio ou ensaio prévio no momento inicial do trabalho analítico. E assim, propõe que existe uma fronteira, entre a porta de entrada do consultório do psicanalista e a porta de entrada em análise do paciente. Ele costumava realizar algumas entrevistas “[...] de início apenas provisoriamente por uma ou duas semanas, pacientes dos quais pouco sei” (FREUD, 1913/2018, p. 122). Prossegue apontando algumas razões significativas deste dispositivo, tais como: permitir ao analista realizar uma sondagem sobre o caso, avaliar se o caso é adequado ou não à psicanálise e estipular o diagnóstico diferencial, especialmente entre neurose e psicose; distinção que nem sempre é fácil de ser estabelecida (FREUD, 1913/2018). Dessa maneira, a hipótese diagnóstica sobre a estrutura clínica trata-se de algo imprescindível para o direcionamento do tratamento.

Lacan (1958/1998), em sua orientação do retorno ao pensamento de Freud, resgata a importância dos primeiros encontros com o analista, e nomeia como entrevistas preliminares. Esse início de trabalho prévio é comentado por Lacan (1971-1972) no seminário sobre “O

*saber do psicanalista*", em posição de condição plena, no qual ressalta que, "[...] não há entrada em análise sem as entrevistas preliminares" (LACAN, 1971-1972 p. 27). Desta forma, embora as entrevistas preliminares sejam distintas da análise propriamente dita, a segunda não é possível sem a primeira.

Nasio (1999) ao comentar sobre as diferentes fases do tratamento, enfatiza a primeira fase chamada de retificação subjetiva, que ocorre durante a primeira ou primeiras entrevistas, no quadro do "face-a-face" com o possível analisante e que: "[...] particularmente no fim da primeira entrevista e na seguinte, introduzimos o paciente a uma primeira localização da sua posição na realidade que ele nos apresenta" (NASIO, 1999, p. 11). Logo, a retificação subjetiva é o que podemos entender como um dos efeitos da intervenção do analista em um tempo preliminar a entrada em análise.

O presente texto teve como objetivo central investigar o lugar das entrevistas preliminares na prática lacaniana, a partir da retificação subjetiva. Teve como objetivos específicos: caracterizar as entrevistas preliminares e conceituar a retificação subjetiva. Para isso, foi realizada uma revisão narrativa.

Diante disso, este escrito foi estruturado da seguinte forma: introdução, apresentando a temática, objetivo geral e específicos. A metodologia, na qual será esboçada a maneira como foi realizada a pesquisa. Resultados, que engloba a discussão sobre o levantamento dos materiais nas bases de dados. Em seguida faremos algumas considerações a respeito das entrevistas preliminares, a partir de Freud, Lacan e de psicanalistas contemporâneos. Logo depois será discutida a retificação subjetiva e o seu lugar nas entrevistas preliminares, finalizando com as considerações finais.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho trata-se de uma revisão narrativa sobre o lugar das entrevistas preliminares na prática lacaniana, destacando a retificação subjetiva. A revisão narrativa consiste em: "[...] estudos apropriados para descrever e discutir o desenvolvimento ou o "estado da arte" de um determinado assunto, tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista contextual" (RIBEIRO, 2014, p. 676). Essa forma de revisão é descrita por aplicar uma metodologia com protocolos menos rígidos e a busca das fontes sendo mais flexíveis, "[...] a seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva" (CORDEIRO, OLIVEIRA & GUIMARÃES, 2007, p. 429-430). Portanto, parte de uma questão mais ampla de pesquisa,

que proporciona a revisão da literatura pautada em publicações anteriores, com uma síntese qualitativa dos materiais encontrados.

A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados: Scientific Electronic Library On-line (*SciELO*), Biblioteca Virtual em Saúde (*BVS*) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (*PePSIC*). Foram empregados os descritores principais: “Entrevistas preliminares” e “Retificação subjetiva”. As buscas foram realizadas utilizando os descritores de modo conjunto ou de maneira isolada para aumentar as chances de encontrar pesquisas que conseguissem colaborar para esse tipo de revisão.

O levantamento da literatura não teve um limite específico de ano de publicação, porém privilegiamos os textos mais relevantes e atuais, que pudessem refletir sobre a temática proposta. Duas teses de doutorado sobre o tema também foram consideradas. Também foram incorporados os textos clássicos para a construção de um referencial teórico sobre o tema das entrevistas preliminares, ressaltando a retificação subjetiva enquanto efeito da intervenção do psicanalista em um tempo preliminar à análise propriamente dita.

Os artigos selecionados para a pesquisa obedeceram aos seguintes critérios de inclusão: 1) artigos científicos publicados no Brasil; 2) possuir como foco de pesquisa uma discussão sobre a retificação subjetiva nas entrevistas preliminares; 3) artigos disponíveis na íntegra de forma gratuita e; 4) área de Psicanálise.

Os critérios de exclusão foram: 1) artigos científicos internacionais; 2) artigos duplicados nas bases de dados; 3) não disponível na íntegra de forma gratuita e; 4) publicações que não cumpriam aos objetivos dessa pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Utilizando em conjunto os descritores principais “Entrevistas preliminares” And “Retificação subjetiva”, a pesquisa obteve um total de apenas 1 artigo nas três bases de dados pesquisadas (*SciELO*: 0; *BVS*: 1; *PePSIC*: 0). Em vista disso, podemos observar uma escassez de artigos quando pesquisados a partir da combinação dos descritores, e devido essa carência foram utilizados na pesquisa os descritores de forma isolada para aumentar as possibilidades de um levantamento bibliográfico.

Utilizando os descritores “Entrevistas preliminares” e “Retificação subjetiva” isoladamente nas bases de dados, obtivemos um total de 62 artigos (*SciELO*: 4; *BVS*: 49; *PePSIC*: 9). Foram retirados 12 artigos duplicados, 16 textos não disponíveis e 1 monografia, havendo assim um total de 33 artigos. A partir da análise dos títulos e leitura dos resumos,

foram excluídos mais 22 artigos que não abordavam o tema pesquisado de modo satisfatório, ou seja, tendo como ponto central o lugar das entrevistas preliminares na prática lacaniana enquanto dispositivo que possibilita a retificação subjetiva em um tempo anterior a análise propriamente dita.

Ao final, obtivemos 11 artigos, que apesar de não apresentarem diretamente a questão da retificação subjetiva enquanto efeito da intervenção do psicanalista nas entrevistas preliminares como um todo, mostraram uma proximidade com a temática de pesquisa. Essas referências tornaram possível a localização dos textos clássicos que apresentam as entrevistas preliminares, bem como, a retificação subjetiva.

Em vista disso, foram escolhidos os textos clássicos para o referencial teórico nas obras de Freud e Lacan. Também foram utilizados os textos de psicanalistas contemporâneos, sendo eles: “As 4+1 condições da análise” (QUINET, 2009); “Lacan elucidado” (MILLER, 1987); “Como trabalhar um psicanalista?” (NASIO, 1999) e; “Las entrevistas preliminares y la entrada en análisis” (SINATRA, 2004).

## **DO TRATAMENTO DE ENSAIO ÀS ENTREVISTAS PRELIMINARES**

O presente tópico abordará as entrevistas iniciais sob as perspectivas de Freud e Lacan. Inicialmente, é válido ressaltar que o tratamento de ensaio na concepção freudiana equivale às entrevistas preliminares em Lacan (QUINET, 2009). São duas expressões que fazem referência a um trabalho anterior e preliminar a análise propriamente dita, “cuja entrada é concebida não como continuidade, e sim — como o próprio nome tratamento de ensaio parece sugerir — como uma descontinuidade, um corte em relação ao que era anterior e preliminar” (QUINET, 2009, p. 14).

No texto “*Sobre o início do tratamento*”, Freud (1913/2018) faz uma analogia do tratamento psicanalítico com o jogo de xadrez. Cito Freud:

Quem quiser aprender o nobre jogo de xadrez a partir de livros logo irá se dar conta de que apenas as jogadas de abertura e as jogadas finais permitem uma representação exaustiva, enquanto a enorme variedade das jogadas que começam a partir da abertura acaba frustrando tal representação. Apenas um estudo aplicado de partidas em que mestres se enfrentaram pode preencher essa lacuna das instruções. Limitações semelhantes a essas parecem ocorrer com as regras que podemos estabelecer para o exercício do tratamento psicanalítico (FREUD, 1913/2018, p. 121).

Para Freud (1913/2018) as entrevistas iniciais já são o começo da psicanálise e, nesse sentido, deverão seguir as suas regras: associação livre do paciente e a atenção flutuante por

parte do analista. Quinet (2009) aponta que a associação livre, enquanto única regra da psicanálise, está do lado do analisante, visto que, o falar livremente inscreve o início da análise. Por outro lado, da parte do analista temos a atenção flutuante, enquanto posição ética, regida pelo desejo do analista.

Nas primeiras sessões do paciente, Freud (1913/2018) iniciava apresentando-lhe a associação livre enquanto regra fundamental da técnica psicanalítica. Em suas palavras: “[...] diga tudo o que lhe passa pela mente. Comporte-se, por exemplo, como um viajante sentado à janela do trem que descreve para quem está dela mais afastado, do lado de dentro, como, a paisagem vai mudando diante de seus olhos” (FREUD, 1913/2018, p. 136).

Garcia-Roza (2009) destaca a associação livre enquanto situação analítica, no qual o valor metodológico localiza-se na medida em que o analisante fica livre da fiscalização e vigilância da consciência. Consequentemente, “[...] não permitindo que a coerência lógica se imponha ao seu relato, que uma outra determinação se torna acessível: a do inconsciente” (GARCIA-ROZA, p. 171).

Em “*recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico*”, Freud (1912/2018), salienta que a regra da atenção flutuante é retratada como a condição na qual o analista sustenta uma atenção equitativamente suspensa de intencionalidade diante de tudo que escuta do paciente. Isto é, não direciona sua atenção para algo específico ao material apresentado, pois se distancia de suas inclinações devido ao risco de possíveis percepções equivocadas. Para desempenhar esta regra, Freud recomenda que o analista mantenha “[...] todas as influências conscientes longe de sua capacidade de memorização e se entrega completamente a sua memória inconsciente” (FREUD, 1912/2018, p. 95).

Sinatra (2004) em seu trabalho sobre essa questão (ou temática), chama a atenção para o cuidado de não tomar as entrevistas preliminares como um processo automático que pode ser padronizado ou regulado antecipadamente. Dito de outro modo, não se referem a um certo número de entrevistas fixadas ou uma sequência pré-planejada, que daria conta de uma entrada em análise. Em suas palavras, “[...] há algo mais que precisa acontecer para que toda análise seja produzida a partir das entrevistas preliminares. Nesta outra coisa, está o osso, a chave, a própria mola propulsora” (SINATRA, 2004, p. 12).

Isso significa que, é necessário que aconteça alguma mudança na posição subjetiva do sujeito, nesses primeiros encontros, que se apresentam como um dispositivo analítico que outorga a posterior entrada – ou não - em análise. Na perspectiva de Sinatra (2004) este dispositivo tratará de edificar as condições de analisabilidade, tendo em vista que na prática lacanianiana, as entrevistas preliminares exercem uma operacionalidade integralmente precisa,

a saber: “[...] avaliar as condições de possibilidade de uma pessoa apoiar a aposta analítica” (SINATRA, 2004, p. 12).

Em “*Lacan Elucidado*”, Miller (1987/1997), apresenta uma possibilidade de se operacionalizar as entrevistas preliminares, a partir do que ele nomeou como condições de analisabilidade, que são: avaliação clínica, localização subjetiva e introdução ao inconsciente. Para este autor, esses são os três níveis que formalizam a entrada em análise do sujeito, “na análise, contudo, as questões técnicas são éticas, por um motivo muito preciso, pois, em suas palavras: “[...] nela nos dirigimos ao sujeito. A categoria de sujeito não é técnica, e sim, ética” (MILLER, 1987/1997, p. 221).

Na primeira condição, a *avaliação clínica*, as entrevistas preliminares servem ao analista para constatar, de um jeito prévio, alguma coisa a respeito da estrutura clínica do paciente que decidiu consultá-lo (MILLER, 1987/1997). A dificuldade no diagnóstico está no grau de precisão da avaliação clínica. O analista precisa ser capaz de constatar, com base nas entrevistas preliminares, as seguintes questões: o caso refere-se a uma neurose? Uma perversão? Ou uma psicose? E está equivocado proferir que há um pouco de neurose, com traço de perversão que pode avançar para uma psicose. Visto que, para o referido autor “[...] do ponto de vista lacaniano, não se pode pertencer a duas estruturas, não há recobrimento de estruturas” (MILLER, 1987/1997, p. 225).

Além disso, é relevante destacar a atenção que Miller (1987/1997) dá para o valor das entrevistas preliminares referente ao diagnóstico, considerando que, no caso das psicoses não desencadeadas, corre-se o risco de ser deflagrado um surto psicótico no sujeito. Advertido do fato de uma análise poder desencadear a psicose, Miller considera que:

É fundamental para o analista que ele saiba reconhecer o pré-psicótico, o psicótico, cuja psicose ainda não foi deflagrada. Há uma regra, segundo a qual devemos recusar a demanda de análise do paciente pré-psicótico. Se isso não ocorrer, é necessário ter o máximo de cuidado para não desencadear a psicose, através de qualquer palavra. Às vezes, a simples proposta de que se deite no divã é suficiente para desencadeá-la e, em outras, é necessário um ano, ou até cinco anos, para que seja deflagrada (MILLER, 1987/1997, p. 226).

A orientação de Miller (1987/1997), quando o analista tiver dúvidas sobre a estrutura clínica do paciente, é investigar a existência ou não de fenômenos elementares, “[...] os fenômenos psicóticos que podem anteceder o delírio e o desencadeamento de uma psicose e que podem não existir na atualidade do paciente, mesmo que pertença a seu passado e apareça apenas uma vez em sua lembrança” (MILLER, 1987/1997, p. 227).

Na segunda condição, a *localização subjetiva*, Miller (1987/1997, p. 235) ressalta que “[...] o essencial é o que o paciente diz, significa que precisamos separar a dimensão do fato, para entrarmos na dimensão do dito”. Entretanto, do ponto de vista lacaniano nos alerta Miller (1987/1997), não é o suficiente atravessar a dimensão do fato pela do dito, pois Lacan indicou uma diferença entre a metáfora e a metonímia a partir da linguística estrutural. No segundo momento, é preciso questionar a posição trajada por quem fala conforme aos próprios ditos. Dessa forma, Miller (1987/1997, p. 236), acentua que “[...] é a partir dos ditos que torna possível localizar o dizer do sujeito, retomar a enunciação - categoria buscada em Jakobson por Lacan - lugar em que está o enunciante frente ao enunciado”.

Por vezes, durante a análise, o paciente fala alguma coisa para poder averiguar se o psicanalista acredita nele, em caso afirmativo ele mesmo passa a acreditar, ou então, acaba de se assegurar de que o analista é um tolo (MILLER, 1987/1997). É interessante observar que, “[...] nem sempre é um convite para que o analista seja inteligente, pode ser que o sujeito necessite de que o outro seja um tonto, pois com isso ganha segurança (MILLER, 1987/1997, p. 237). Sendo assim, um certo ar de ignorância, é capaz, às vezes, de ocasionar maravilhas. Conforme Miller (1987/1997, p. 237), “[...] é preciso permitir, sobretudo nas entrevistas preliminares, que o sujeito minta, para perceber alguma antinomia na lógica própria de seus ditos, e isso, de fato, já começa a introduzir o sujeito no inconsciente através da localização subjetiva”

O analista precisa implicar o paciente sobre as coisas que diz, interrogando a posição que ele ocupa sobre aquilo que fala, tendo em vista que “[...] localizar o sujeito não é apenas avaliar-lhe a posição, mas também um ato ético do analista” (MILLER, 1987/1997, p. 250). Por isso, as entrevistas preliminares, além de possibilitar localizar o sujeito, também apostam em alguma mudança de posição subjetiva sobre a realidade na qual o sujeito se queixa.

Na terceira e última condição, a *introdução ao inconsciente*, Miller (1987/1997), afirma que a ética na prática lacaniana apoia-se no bem-dizer. O analista pode implicar o sujeito entre o dito e o dizer, para permiti-lo dizer do que ele mesmo deseja. Nas palavras do autor,

O bem-dizer, para Lacan, é a chave da ética da psicanálise, a ética do dito e do dizer. Antes de um acordo ideal entre o dito e o dizer, trata-se de encontrar e praticar uma maneira de dizer que leve em conta a diferença entre o dito e o dizer, e que também leve em conta a possibilidade de modificar-se a posição subjetiva com respeito ao dito, uma maneira de dizer que não se confunda um com o outro. Assim fazendo, pratica o que se pode chamar de retrocesso da enunciação, um recuo desta, pois a maneira de dizer as coisas se escreve em retrocesso subjetivo (MILLER, 1987/1997, p. 249).

Miller (1987/1997) prossegue apontando para a possibilidade de pensar uma articulação entre o sujeito do inconsciente com a falta-a-ser. Isso se justifica porque em Psicanálise, se concebe o sujeito como uma falta, não substancial, o que tem uma aplicação decisiva na prática clínica. Conforme o referido autor, o que temos contrariamente ao desejo que é a falta-a-ser, é o que Freud retratou através das pulsões e que Lacan designou de gozo. Isso significa que na prática lacaniana, manejar com o sujeito do inconsciente, nesse tempo preliminar, equivale a abrir espaços para que surjam transformações na posição subjetiva do sujeito e, deste modo, direcionar para o fato de que ele comumente toma uma posição frente ao seu dito.

Quinet (2009) em “*As 4+1 condições da análise*”, apresenta uma outra forma de sistematização das entrevistas preliminares. Assim, propõe três funções lógicas: a diagnóstica, a sintomal e a transferencial.

A *função diagnóstica* das entrevistas preliminares constitui-se como direcionamento para condução da análise. Conforme Quinet (2009), a transferência é o suporte enquanto estratégia do analista no direcionamento do tratamento, pois é apenas e exclusivamente a partir desse suporte que o diagnóstico pode ser explorado. O autor argumenta sobre a função diagnóstica da seguinte forma:

Nas entrevistas preliminares, é importante, então, no que diz respeito à direção da análise, ultrapassar o plano das estruturas clínicas (psicose, neurose, perversão) para se chegar ao plano dos tipos clínicos (histeria — obsessão), ainda que “não sem hesitação”, para que o analista possa estabelecer a estratégia da direção da análise sem a qual ela fica desgovernada (QUINET, 2009, p. 23, grifo original do autor).

Isso se justifica porque o diagnóstico só pode ser investigado no registro do simbólico, no qual são articulados os enigmas elementares do sujeito no tempo da travessia do complexo de Édipo: o sujeito inscrever-se na partilha dos sexos a partir da inscrição do Nome-do-Pai, e assim, temos a produção da significação fálica (QUINET, 2009). Consequentemente, é alicerçado no simbólico, por conseguinte, que se pode realizar o diagnóstico diferencial estrutural através dos três modos de negação do Édipo, que corresponde às três estruturas clínicas (QUINET, 2009).

De acordo com Quinet (2009), quando o modo de negação nega o elemento, porém o conserva, temos a manifestação de dois modos: “[...] no recalque (*Verdrängung*) do neurótico, nega conservando o elemento no inconsciente e o desmentido (*Verleugnung*) do perverso, o nega conservando-o no fetiche” (p. 19). Já no caso da forclusão (*Verwerfung*) do psicótico,

temos um modo de negação “[...] que não deixa traço ou vestígio algum [...] os dois modos de negação que conservam implicam a admissão do Édipo no simbólico, o que não acontece na forclusão” (QUINET, 2009, p. 19).

Quinet (2009) também aponta que cada forma de negação é coexistente a um tipo específico de retorno do que é negado. No recalcado aquilo que é negado retorna no simbólico a partir do sintoma neurótico. No desmentido, o que é negado retorna no simbólico com base no fetiche do perverso. Por fim, na psicose, “[...] o que é negado no simbólico retorna no real sob a forma de automatismo mental, cuja expressão mais evidente é a alucinação” (QUINET, 2009, p. 19).

Quinet (2009) pontua que o diagnóstico tem relevância vital, no momento em que estamos diante de um paciente que pode ser um sujeito psicótico. É imprescindível que o analista esteja a par dessa estrutura clínica, visto que, a condução da análise não poderá ter como parâmetro a castração e o Nome-do-Pai. A questão torna-se ainda mais crucial, caso a psicose ainda não esteja desencadeada, pois, como anuncia Lacan (1955-1956/1988) em “*O Seminário, livro 3: As psicoses*”: “[...] acontece de recebermos pré-psicóticos em análise e sabemos no que isso dá - isso dá em psicóticos” (LACAN, 1955-1956/1988, p. 285).

Ou seja, uma análise enquanto lugar de tomada da palavra pode desencadear a psicose. Conseqüentemente, é fundamental que o analista consiga identificar um pré-psicótico, isto é, aquele sujeito que ao esbarrar com o dispositivo da psicanálise que institui o encontro do sujeito com a falta, desencadeia um quadro psicótico (QUINET, 2009).

Na *função sintomal* é necessário possibilitar a passagem da queixa declarada pelo sujeito para um sintoma analítico (QUINET, 2009). Isso significa que esta queixa precisa ser convertida em uma demanda endereçada ao analista e que o sintoma - até então entendido como resposta - se transforme numa questão para o sujeito, para que este seja desafiado a desvendá-lo. Sendo assim, incumbe ao analista inserir o desejo na dimensão do sintoma. É a demanda de análise responsável pela função sintomal, isto é, o motivo que impeliu o sujeito a buscar um analista (QUINET, 2009).

Segundo Lacan (1958/1998, p. 623), é: “[...] por intermédio da demanda, todo o passado se entreabre, até recônditos da primeira infância. Demandar: o sujeito nunca fez outra coisa, só pôde viver por isso, e nós entramos na sequência”. Para compreender com mais facilidade do que se trata a demanda, vamos utilizar o seu sinônimo: a palavra pedido. Demandar é pedir alguma coisa que não possuímos, é forjar uma petição de algo que não dispomos. Ao encontrar o analista, o paciente verbaliza a sua queixa devido a algum

sofrimento, porque demanda uma satisfação que não obtém por si só e aguarda que o analista a localize para ele. Entretanto, a queixa não se trata do sofrimento. Ele se queixa para se libertar de um sofrimento anunciado, no momento em que esse anúncio já é insustentável. Falamos aqui de uma ruptura narcísica que aponta a marca da castração.

Segundo Quinet (2009, p. 16) “A demanda de análise é correlata à elaboração do sintoma enquanto sintoma analítico”. Isso significa que a analisabilidade, enquanto função do sintoma, necessita ser investigada para tornar possível o início da análise, com a finalidade de alcançar transfigurar a queixa apresentada pelo paciente em um sintoma analítico.

Quinet (2009) diz ser necessário que esse sintoma, que representa um significado para o sujeito, resgate sua propriedade de significante, para que assim seja possível haver a implicação do sujeito com o desejo. Ainda segundo o autor, “[...] o sintoma aparece como um significado do Outro – s (A) –, é endereçado pela cadeia de significantes ao analista, que está no lugar do Outro – (A)” (QUINET, 2009, p. 17).

Lacan (1960/1968, p. 829) fórmula que o “[...] desejo do homem é o desejo do Outro, ou seja, no final das contas a base de nossos desejos está no olhar desejante do Outro, no qual desejamos sermos reconhecidos pelo Outro - a verdadeira dimensão da paixão humana”. Tal proposição lacaniana nos ajuda a pensar como no tratamento psicanalítico – especialmente nas entrevistas preliminares - o analista apostará na possibilidade de estabelecer o desejo na dimensão do sintoma, de forma que este precise ser apresentado a partir de uma interrogação ao sujeito.

Quinet (2009) agrega que introduzir a transferência é correspondente à constituição do sintoma analítico. Apoiado nisso, temos o sujeito-suposto-saber, enquanto pivô da transferência. A histerização do discurso decorre no instante em que o sintoma é convertido em uma questão, dessa forma o sintoma representa a divisão do sujeito (\$). Carneiro, Pena e Cardoso (2016) corroboram dizendo que, por essa razão, o sujeito se enlaça ao analista com questões do tipo: “Como isso pode ser resolvido?”, “Qual o significado disso?”. O paciente situa o analista no lugar de um saber sobre o objeto perdido do desejo, que vem apontar a verdade escamoteada do sintoma.

Nesse sentido, Lacan (1967-1968) apresenta que o propósito da transferência está relacionado aos:

[...] Pressupostos de todo o questionamento sobre o saber, o que eu chamo ‘o sujeito suposto saber’. As questões são colocadas a partir de que existe esta função em algum lugar, chamem-na como quiserem, aqui ela aparece em todas as suas faces, evidente por ser mítica, que há em algum lugar algo que desempenha a função de sujeito suposto saber (LACAN, 1967-1968, p. 53).

Meirelles (2012) ressalta que há uma distinção entre a ida ao consultório do analista e a introdução do inconsciente, a transformação que aí se desenrola no lugar do sujeito-suposto-saber. A expectativa do saber tornando-se predecessora, ou seja, um saber encarnado em um indivíduo, permitindo localizar a transferência que torna possível a entrada em análise.

Quinet (2009) enfatiza que a exposição preliminar do sintoma trata-se de uma queixa, uma exposição fictícia do que se passa na história do sujeito, na qual o psicanalista não detém o saber sobre os afetos recalcados e a forma de gozar do paciente. O autor então reitera ser imprescindível a associação livre enquanto regra fundamental, tendo em vista que: “[...] É preciso que essa queixa se transforme numa demanda de análise endereçada àquele analista e que o sintoma passe do estatuto de resposta ao estatuto de questão para o sujeito, para que este seja instigado a decifrá-lo” (QUINET, 2009, p. 16).

## **A RETIFICAÇÃO SUBJETIVA**

Quinet (2009) agrega que a retificação subjetiva é o que podemos incluir como um dos tipos de interpretação do psicanalista, em um tempo ainda preliminar, que antecede a análise propriamente dita. Nasio (1999) acrescenta que o analista deve estar atento a este “[...] momento preliminar das entrevistas, pois refere-se à relação que a pessoa que faz uma consulta mantém com os seus sintomas. É sobre esse ponto que o psicanalista intervirá” (NASIO, 2009, p.11).

Nesse sentido, cabe ao psicanalista estabelecer, a partir da retificação subjetiva, o dizer do sujeito, e assim, conseqüentemente, é feita uma aposta que possibilite modificar a relação com sua demanda, viabilizando uma possível mudança na posição subjetiva frente ao seu sintoma. Nasio (1999) diz que o sentido, em outras palavras, é a relação do Eu com o sintoma, que se estabelece na primeira decisão de buscar um outro que tenha um suposto saber. É nesse lugar que o analista intervém e estabelece a retificação subjetiva.

Svolos (2005) afirma que a noção de retificação é a técnica singular identificada por Lacan nas histórias clínicas freudianas de “*Dora*” e do “*Homem dos Ratos*”. No caso “*Dora*”, está presente uma reversão dialética, que pode ser observada quando Freud auxiliou a paciente a compreender que ela não estava na posição de objeto na cena da sedução. Dito de outro modo, produziu nela uma implicação, a ponto dela perceber que não era uma inocente vítima das forças maléficas do mundo. Pelo contrário, pôde-se dar conta que era cúmplice

daquilo que estava se queixando, por meio de sua benevolência, a própria realidade sobre a qual se queixa (FREUD, 1905/2016).

Em “*Intervenção sobre a transferência*”, Lacan (1951/1998), aponta que a primeira inversão dialética, ocorre no instante em que Freud conduziu Dora a perceber que ela fazia mais do que somente participar da enorme desordem do universo de seu pai, e que ela não poderia ter continuado sem o seu consentimento. Isto é, “[...] fica a dever à análise hegeliana da reivindicação da “bela alma”, aquela que se insurge contra o mundo em nome da lei do coração” (LACAN, 1951/1998, p. 218).

Foi com base na dialética hegeliana que Lacan se dedicou no caso Dora a dividir as estruturas onde se transforma a verdade para o sujeito por meio de “reviramentos dialéticos” (QUINET, 2009). Nas palavras de Lacan (1951/1998),

[...] Não se trata ali de um artifício de ordenação de um material cujo surgimento, como Freud formula de maneira decisiva, fica entregue ao gosto do paciente. Trata-se de uma escansão das estruturas em que, para o sujeito, a verdade se transmuta, e que não tocam apenas em sua compreensão das coisas, mas em sua própria posição como sujeito da qual seus “objetos” são função. Isto é, o conceito da exposição é idêntico ao progresso do sujeito, isto é, à realidade da análise” (LACAN, 1951/1998, p. 217).

Um segundo desenvolvimento da verdade, nos apresenta Lacan (1951/1998), é o fato da cumplicidade de Dora, “[...] e mais ainda sob sua proteção vigilante, que pôde perdurar a ficção que permitiu à relação dos dois amantes prosseguir” (LACAN, 1951/1998, p. 2018). As queixas de Dora estão voltadas para o fato de ser vítima dos assédios do Sr. K. viabilizando o romance da Sra. K. com seu pai, contexto que é declarado por ela como uma verdade objetiva da realidade (FREUD, 1905/2016).

Na opinião de Quinet (2009) a retificação subjetiva de Freud consiste em perguntar “[...] qual é sua participação na desordem da qual você se queixa?” (QUINET, 2009, p. 33). Além disso, prossegue dizendo que, no cenário relatado por Dora, vemos a confirmação da situação detestável na qual está inserida, a negação velada de que tenha qualquer envolvimento na deliberação dessa desordem. Isto é, negação de sua posição subjetiva, colocando-a como *ipso facto* “[...] e a negação da negação operada por Freud por intermédio da retificação subjetiva. Seu efeito é a emergência da participação de Dora no assédio do Sr. K. e de sua cumplicidade como propiciadora do romance do pai com a Sra. K., desvelando a estruturação de seu desejo” (QUINET, 2009, p. 33).

Já no caso do “*Homem dos Ratos*”, Freud (1909/2013) investigou quais foram as causas precipitadoras do adoecimento do paciente, quando este expressou os conflitos que

estava vivendo, observando às seguintes questões: o papel capital do dinheiro e da dívida, o casamento de seus pais e o fato de não conseguir escolher entre a dama rica e a moça pobre, sendo esta segunda, o seu verdadeiro amor. Nas palavras de Freud (1909/2013):

[...] Permanecer fiel à garota pobre que amava ou seguir as pegadas do pai e tomar como esposa a garota bela, rica e nobre que lhe destinavam. E esse conflito, que era, de fato, entre o seu amor e a persistente vontade do pai, ele resolveu adoecendo, ou, melhor dizendo: ele subtraiu-se, mediante a enfermidade, à tarefa de resolvê-lo na realidade (FREUD, 1909/2013, p. 42).

Diante disso, é possível afirmar que Freud (1909/2013) promoveu um giro na ordem das coisas alteradas pelo sujeito, da qual a neurose impossibilitava a decisão entre viver um romance com a moça pobre e se relacionar com a dama rica pela vontade do pai. Dito de outro modo, o sintoma do “*Homem dos Ratos*” foi a saída encontrada, para não ter que escolher e, conseqüentemente, não se posicionar. Freud (1909/2013, p. 42), nos diz que, “[...] o resultado da doença já estava na intenção dela; o que parece ser consequência é, na realidade, a causa, o motivo do adoecimento”.

Concordamos com Quinet (2009) que, ao comentar esta história clínica freudiana, argumenta que esta retificação inaugura a causa da neurose devido à impossibilidade de tomar uma decisão entre a moça pobre e a moça rica, indicando a divisão do sujeito. Posto isto, a explicação de Freud (1909/2013) nesta retificação, possibilita a responsabilização do sujeito na neurose no qual se encontra. Então, na retificação subjetiva temos a introdução da dimensão ética, a ética do desejo, como a chave do sintoma que a neurose tenta esconder.

Em “*A direção do tratamento e os princípios de seu poder*”, Lacan (1958/1998), declara em relação à retificação subjetiva que Freud “[...] começa por introduzir o paciente numa primeira localização de sua posição no real, mesmo que este acarrete uma precipitação - não hesitemos em dizer uma sistematização - dos sintomas” (LACAN 1958/1998, p. 602). Sendo assim, podemos observar uma relação entre a retificação e o sintoma no qual conseguimos compreender a partir da abertura do imaginário ao simbólico (SVOLOS, 2005).

Menegassi (2010) ressalta que, em psicanálise, o modo de se destituir o eu e inaugurar o sujeito lacaniano, inicia-se com o movimento singular da entrada em análise propriamente dita, o que não é o mesmo que tão-somente frequentar as sessões de análise. O paciente e candidato a ser analisante precisa realizar, por meio de seu discurso, um giro em relação com o saber que se caracteriza como retificação subjetiva, o que provoca o assentimento das regras psicanalíticas, dentre as quais permanece a regra fundamental inventada por Freud, a saber: a associação livre.

Ainda conforme Menegassi (2010), a retificação subjetiva consiste em manter o sujeito do inconsciente marcado pelo corte, a partir da destituição do eu do discurso comum, tendo em vista que “é o que faz a análise em seu início quando a retificação subjetiva destitui o eu (*je*) para convertê-lo em \$ (sujeito barrado). Em seguida, o que ela faz é interpretar o eu (*je*) egoificado, que é o resultado da sutura operada pelo discurso a que pertence” (MENEGASSI, 2010, p. 52). Feitas estas considerações a respeito da retificação subjetiva, discutiremos no próximo tópico o seu lugar nas entrevistas preliminares.

### **A RETIFICAÇÃO SUBJETIVA: O LUGAR NAS ENTREVISTAS PRELIMINARES**

De acordo com Magalhães (2005), na retificação subjetiva ocorre a urgência de viabilizar a perda do gozo para que o sujeito consiga emergir ao simbólico e desprender-se das amarras de sua conjuntura fantasmática. Esse cuidado é importante porque a direção do tratamento está orientada por promover um esvaziamento das queixas até que a imagem do Outro, sustentada por essa composição sintomática, seja interrogada, pois “[...] o primeiro objetivo do tratamento preliminar é dar a volta no aspecto imaginário da demanda de modo tal que o sujeito possa reconhecer sua implicação naquilo que ele se queixa” (p. 12). O paciente quando está apto para empreender uma elaboração simbólica, já demonstra uma demanda retificada.

No momento das entrevistas preliminares, Lacan (1958/1998) adverte que a retificação subjetiva busca posicionar no centro o real do sujeito como indizível à realidade, sendo a pergunta: qual é a sua responsabilidade na produção do seu sintoma? a interrogação eminente da retificação subjetiva. A aposta do analista ao fazer esses questionamentos, é a possibilidade de surgir uma mudança da posição subjetiva por parte do paciente, frente a sua queixa inicial. Além disso, é nesse momento que se presentifica a castração, o inconsciente, a falta-a-ser (NASIO, 1999). Então, o propósito das entrevistas preliminares é a produção de um espaço de fala sobre as queixas iniciais para, a partir disso, que o sujeito consiga se encontrar, para possibilitar as inversões dialéticas.

Sendo as entrevistas iniciais, o tempo preliminar para a entrada em análise, Lacan (1958/1998) faz algumas recomendações:

Digo que é numa direção do tratamento que se ordena, como acabo de demonstrar, segundo um processo que vai da retificação das relações do sujeito com o real, ao desenvolvimento da transferência, e depois à interpretação, que se situa o horizonte em que a Freud se revelaram as descobertas fundamentais que até hoje experimentamos, no tocante à dinâmica e à estrutura da neurose obsessiva. Nada mais, porém também nada menos (LACAN, 1958/1998, p. 604).

Dito de outro modo, Lacan está advertindo que um dos principais objetivos das entrevistas preliminares é a produção de retificações das relações que o sujeito mantém com o real e com o conteúdo da transferência, uma vez que será a partir desse trabalho preliminar que tornará possível a entrada – ou não – do sujeito em análise. Cabe destacar que, o real aqui apresentado corresponde ao real sendo apreendido com a realidade, e a relação preliminar do paciente ao analista, ao cenário da análise que poderá ser estabelecida.

Com base nisso, Napolitani (2007) destaca que o que está em jogo nas primeiras sessões é a fala do sujeito e seus desdobramentos significantes. Isso quer dizer que, neste tempo, temos o emprego da retificação subjetiva que propõe as aberturas de perguntas para que o sujeito possa se implicar diante de suas questões.

Napolitani (2007) prossegue discorrendo que as entrevistas preliminares são engendradas por meio do enlace da transferência entre analista e analisante, no qual possibilita estipular o diagnóstico, tendo em vista que: “O trabalho com a queixa é efetuado através da intervenção analítica chamada retificação subjetiva. Através da retificação subjetiva ocorre a transformação de uma queixa em uma pergunta na qual o sujeito possa se incluir e, a partir daí, iniciar um processo analítico propriamente dito” (NAPOLITANI, 2007, p. 46).

Alvarenga (2011) chama a atenção para a condição transferencial. Em sua opinião, a transferência possibilita que seja feito o diagnóstico com base nos operadores conceituais. Para isso, é imprescindível não perder de vista o singular do caso a caso, tal como as categorias de satisfação da pulsão e as preferências objetais do sujeito, assim como sua estrutura de linguagem que estrutura o discurso. Isso se justifica porque o sujeito tem formas específicas de satisfação da pulsão, e aqui, o desejo se organiza a partir da relação com as leis e normas da cultura.

Miller e Milner (2006) pontuam a importância do diagnóstico, sendo necessário que o analista observe: o romance familiar, a relação com o grande Outro, a lei da cultura e o mito individual do sujeito. Essas informações são as peças do quebra-cabeça para o estabelecimento do diagnóstico, uma vez que: “[...] não há clínica do sujeito sem clínica da civilização” (MILLER & MILNER, 2006, p. 46).

A retificação operada pelo analista está vinculada ao ato de o sujeito implicar-se, e desse modo, a localização da responsabilidade do sujeito é própria do inconsciente Miller (1987). Assim, a retificação constitui-se como uma via para transfigurar o pedido de amparo em uma questão analítica, para que o sujeito venha a queixar-se de si mesmo enquanto possibilidade de questionar os seus próprios sintomas.

Magalhães (2005) lembra que o tempo da retificação subjetiva tem relação com o desmanche do sentido no modo como as representações são solidificadas pelo eu. Ainda conforme este autor, “Trata-se de uma forma de intervenção destrutiva e desestabilizadora na qual é possível fazer emergir a subjetividade e seus gozos sintomáticos. A retificação subjetiva abre os caminhos para a implicação subjetiva” (p. 75). Conseqüentemente, o discurso analítico produz uma fratura no enquadre imaginário, indicando para o desejo do sujeito e o eixo de parâmetro desse desejo é o registro simbólico.

Nas entrevistas iniciais, Lacan (1958/1998) recomenda que o analista suspenda o seu saber para que seja possível pôr o sujeito para trabalhar. Isso mostra que o conceito de retificação subjetiva indica, no ensino de Lacan, refere-se a um tempo lógico fundamental para a entrada em análise: trata-se de um tempo preliminar para o início da cura. Então, nas entrevistas preliminares recomenda-se pôr no centro o real do sujeito como irreduzível à realidade, tendo em vista a inclinação do sujeito em mostrar que o seu sofrimento tem como causa a sua realidade.

Nasio (1999) corrobora com esta proposição lacaniana dizendo que a entrada em análise ocorre a partir da responsabilização do sujeito da situação no qual se queixa. A retificação propõe uma operação referente tanto ao sujeito quanto o lugar do Outro, uma vez que o encontro traumático com a falta do Outro, decreta que aquele que representa o lugar do Outro na cura, a princípio não consente ao sujeito repetir tal encontro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante essa pesquisa foi possível perceber que a retificação subjetiva nas entrevistas preliminares, trata-se de uma aposta do analista e não de um ideal, de forma que as narrativas sejam capazes de responsabilizar o sujeito em suas queixas. É bem verdade que exige um tempo necessário para que esse giro discursivo possa ocorrer, pois os significantes estão articulados em uma teia de representações.

Quantas, paradas, contornos e voltas ocorrem a cada sessão de análise. E mesmo depois que a análise se inicia, não existem garantias, pois para além da queixa e da demanda, temos um outro tempo que é imprescindível para tratamento psicanalítico, sendo este o estabelecimento do quadro transferencial.

Em referência aos objetivos estabelecidos para esta pesquisa, observou-se que o dispositivo das entrevistas preliminares é imprescindível para conseguir localizar a posição subjetiva do paciente a respeito da realidade que apresenta ao analista. É pertinente esta

primeira avaliação durante as sessões iniciais para identificar a relação que o paciente mantém com os seus sintomas. É acerca desse ponto, que o analista intervém a partir da retificação subjetiva.

Dessa maneira, a retificação subjetiva trata-se de um dos efeitos da intervenção do analista em um tempo preliminar à entrada em análise. Constatamos que, somente pela elaboração dos discursos, é que torna possível o sujeito está apto para designar enigmas sobre o próprio desejo, dá um sentido diferente às suas demandas. Logo, essa operação do analista permite surgir a subjetividade e a forma que o sintoma se mantém. A retificação subjetiva estabelece os caminhos para a implicação do sujeito.

## REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, E. A Ação lacaniana nas Instituições. **Almanaque On-line**. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, v. 5, n. 8. 2022, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/images/almanaque-anteriores/almanaque-08/ElisaAlvarenga.pdf>>. Acesso em 29 Nov. 2022.
- CARNEIRO, A. B. F.; PENA, B. F.; CARDOSO, I. M. Entrevistas preliminares: marcos orientadores do tratamento psicanalítico. **Reverso**. Belo Horizonte, v. 38, n.71, Jun. 2006, p. 27-36. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v38n71/v38n71a03.pdf>>. Acesso em 08 Out. 2022.
- CORDEIRO, A. M., OLIVEIRA, G. M., RENTERÍA, J. M., & GUIMARÃES, C. A. Revisão sistemática: Uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, 34(6), 2007, p. 428-431. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>>. Acesso em 20 Jan. 2023
- CUMIOTTO, C. As entrevistas preliminares e a clínica psicanalítica. **A clínica psicanalítica na contemporaneidade**, 2007. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/ckhzg/pdf/costa-9788538603870.pdf#page=15>>. Acesso em 10 Jan. 2023
- FREUD, S. Análise fragmentária de um caso de histeria (1905). *In*: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Obras Completas, v. 6, p. 173-320.
- FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O Homem dos Ratos"] (1909). *In*: **Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O Homem dos Ratos"], uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (1909-1910)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Obras Completas, v. 9.
- FREUD, S. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico (1912). *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 93-106. Obras Incompletas, v. 6.
- FREUD, S. Sobre a dinâmica da transferência (1912). *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 107-120. Obras Incompletas, v. 6.
- FREUD, S. Sobre o início do tratamento (1913). *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 121-151. Obras Incompletas, v. 6.
- FREUD, S. Caminhos da terapia psicanalítica (1919). *In*: FREUD, S. **História de uma neurose infantil ("O Homem dos Lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 279-292. Obras Completas, v. 14.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, J. Intervenção sobre a transferência (1951). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 214-225.

LACAN, J. **O Seminário, livro 1**: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-325.

LACAN, J. **O Seminário, livro 3**: As psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1958). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 537-590.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 585-652.

LACAN, J. **O Seminário, livro 7**: A ética da psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). *In*:

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 807-842.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola (1967). *In*:

LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248-264.

LACAN, J. **O Seminário, livro 15**: O ato psicanalítico (1967-1968). Inédito.

LACAN, J. **O Saber do psicanalista (1971-1972)**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2001.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MAGALHÃES, E. N. **A Clínica lacaniana da anorexia**. 2014, 217f. Tese (Doutorado em Saúde da Criança) – Faculdade de Medicina. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <  
[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9UJL9/1/evaristo\\_nunes\\_de\\_magalh\\_es.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9UJL9/1/evaristo_nunes_de_magalh_es.pdf)>. Acesso em 11 Dez. 2022.

MELMAN, C. **Novas formas clínicas no início do terceiro milênio**. Porto Alegre: CMC Editora, 2003.

MEIRELLES, C. E. F. O manejo da transferência. **Stylus Revista de Psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, Nov. 2012, p. 123-135. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676157X2012000200012&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676157X2012000200012&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em 11 Dez. 2022.

MENEGASSI, A. **O conceito de destituição subjetiva na obra de Jacques Lacan**. 2010, 187 F. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-08092010-123135/publico/menegassi\\_me.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-08092010-123135/publico/menegassi_me.pdf)>. Acesso em 11 Dez. 2022.

MILLER, J-A. Discurso do método psicanalítico. *In*: MILLER, J-A. **Lacan elucidado: Palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 221-229.

MILLER, J.-A.; MILNER, J.-C. **Você quer mesmo ser avaliado?** Entrevistas sobre uma máquina de impostura. São Paulo: Manole, 2006.

NAPOLITANI, I. O trabalho com os pais na análise de crianças. **Psicologia Revista**. São Paulo, v. 16, n. 1, Fev. 2014, p. 29-49. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/18056>>. Acesso em 29 Nov. 2022.

NASIO, J-D. **Como trabalha um psicanalista?**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

QUINET, A. **As 4 + 1 Condições da análise**. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RIBEIRO, J. L. P. **Revisão De Investigação e Evidência Científica**. *Psicologia, Saúde & Doenças*, São Paulo, v. 15, n. 3, 2014, p. 671-682. Disponível em: <<https://redalyc.org/pdf/362/36232744009.pdf>>. Acesso em 19 Abr. 2023.

SINATRA, E. **Las entrevistas preliminares y la entrada en análisis**. Buenos Aires: Colegio Epistemológico y Experimental, 2004. ISBN 978-987-20978-2-0. Disponível em: <<https://studocu.com/es-ar/document/universidad-autonoma-de-entre-rios/clinica-1/8-sinatra-ernesto-las-entrevistas-preliminares-y-la-entrada-en-analisis-caps-1-y-2-2004/13657175>>. Acesso em 29 Out. 2022.

SVOLOS, T. Introduzindo o sintoma. **Opção Lacaniana On-line**, São Paulo, 2005, p. 1-5. Disponível em: <<http://opcaolacanianana.com.br/artigos/n1/pdf/artigos/TSintoma.pdf>>. Acesso em 20 Nov. 2022.